

Usos e apropriações da “música folclórica”

Uses and appropriations of “folk music”

A temática deste dossiê, Música folclórica: entre o campo e a cidade, foi inspirada em uma das mesas do III Colóquio História e Música – Tempos de música e seus fazeres, realizado na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Franca, em 2016, que congregou pesquisadores das áreas de História, Sociologia e Musicologia, brasileiros e argentinos que, em comum, possuem como campo de investigação a música popular de diferentes países do continente americano.

Os usos e apropriações do termo “música folclórica” constituem o eixo comum dos artigos aqui reunidos. Tal denominação remonta aos estudos folclóricos que, desde o século XIX, incumbiram-se da tarefa de selecionar e organizar um repertório da música popular tido como representativo da identidade da nação. Preocupados em preservar a cultura autóctone vista como ameaçada pelos modismos e estrangeirismos dominantes no ambiente urbano, homens letrados identificaram o campo como o lugar-abrigo das tradições. Para se “tradicionalizar” o popular foi necessário primeiro atribuí-lo ao passado – lugar onde supostamente era encontrado em estado puro – e, em seguida, fixá-lo, “museificá-lo”, a partir de critérios ideologicamente constituídos no presente.

No meio urbano, esse seletivo repertório folclórico, ou popular e nacional, serviria de matéria-prima para a criação de uma música doutra capaz de representar, no concerto das nações, “comunidades imaginadas” singulares. A música folclórica, atrelada às configurações e reconfigurações da identidade nacional, inspiraria ainda a construção de gêneros musicais populares formatados e largamente veiculados pelos suportes midiáticos. Ela, ao circular para além dos limites de seu território de origem, influenciou e foi influenciada pelas mais diversas referências sonoras, tornando-se cada vez mais híbrida e variada e agregando, ao longo do tempo, outras formas de distinção.

As tensões em torno das concepções de “música folclórica” orientam as instigantes e renovadas reflexões agrupadas neste dossiê Julia Chindemi e Pablo Vila, em “La música popular argentina entre el campo y la ciudad: música campera, criolla, nativa, folklórica, canción federal y tango”, mapeiam as porosas fronteiras entre o que seja música urbana e rural argentina e propõem uma imagem bastante distinta daquela estabelecida por uma leitura evolutiva, mais em voga na bibliografia sobre o assunto, que vai das canções *criollas* ao tango. O artigo de Mariana Arantes, “Música *folk* nos Estados Unidos: demarcações e definições de um gênero”, analisa de que modo pessoas relacionadas à atividade de coletar, consumir e propagar esse tipo de música desenvolveram concepções do que viria a ser o *folk* no país, pautados por suas próprias visões de mundo e vivência em contextos e períodos específicos da história nacional.

Em “‘Ô de casa’: gramofones na roça e caipiras na fonografia (1929)”, Juliana Pérez González discute possíveis entrecruzamentos entre o universo rural e urbano no estado de São Paulo e as ingerências das tecnologias

fonográficas nas representações românticas da cultura caipira. Para tanto, toma por base o fonograma “Ô de casa”, gravado no final dos anos 1920. “A folclorização do samba carioca: memória, história e identidade”, de minha autoria, aborda como se processa no Brasil, em três momentos distintos do século XX, tal operação que envolveu o samba produzido num centro urbano, o Rio de Janeiro, desde os memorialistas, no início do século XX, até a época do Departamento de Música Popular da Funarte, na gestão de Hermínio Bello de Carvalho, durante o regime militar brasileiro.

Ricardo Kaliman, ao voltar-se para a indústria do folclore musical, em “Negociaciones identitarias en la industria de la música popular: la evolución del repertorio de un cantante del folklore argentino”, analisa as negociações entre o perfil *criollista* tradicional do cancionista argentino e as demandas de um público mais amplo, centrado na carreira de Chaqueño Palavecino, na década de 1990. Fechando esse intenso e atualíssimo debate acerca das concepções, interpretações e deslocamentos dos sentidos de “música folclórica”, no decorrer do século passado, “Más allá del folklore. La producción social del espacio a través de la cueca urbana en Santiago de Chile (2000-2010)”, de Christian Spencer, mostra, a partir dos conceitos de localidade e bairro, como, no século XXI, a cueca urbana da cena musical de Santiago de Chile cria eventos espacializados que vão além da dicotomia campo-cidade.

Leitores de *ArtCultura*, desfrutem!

Tânia da Costa Garcia
organizadora do dossiê